



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço tel. gráfico: Tallado-Lisboa • Telefone 5339 0.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A

BATALHA

A

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Dois anos

Dois anos vão volvidos sobre o dia em que a utopia se converteu em realidade palpável.

Utopia era para muita gente, e até mesmo para quasi todos os que metiam ombros à arrojada empresa, não propriamente o aparecimento de *A Batalha*, porque fazer meia dúzia de números ser-nos-ia relativamente fácil. Mas o obstáculo máximo estava na sua manutenção por espaço de tempo considerável, uma vez que já então a vida dos jornais era um problema difícil. E dobradamente difícil se havia de tornar necessariamente para uma folha que, como esta onde escrevemos, se propunha trepar armas por ideias avançadas, distanciando-se, pela orientação, pelos processos e pela sua norma de vida, dos restantes jornais, que não poderiam ser seu guia nem exemplo a seguir, visto que *A Batalha*, sendo lançada para agitar ideias, vinha simultaneamente para contrariar as insidiosas campanhas da imprensa burguesa, opondo às suas torvas especulações os argumentos fortes da verdade, dessa verdade agora e através de todos os tempos sistematicamente torcida e amarinada pelos que mantêm jornais não porque um ideal os anime, mas porque o interesse os move.

Sabíamos já então que ainda que conseguíssemos conquistar um público que honestamente ajudasse este jornal, proporcionando-lhe condições de vida limpa, surgiriam ante nós outros obstáculos a vencer, à cabeça dos quais estava a sistemática perseguição dos governantes a uma folha cuja orientação se compreende que não lhes devia ser agradável e, por outro lado, a intolerância feroz dos secretários de princípios falsos, que não viriam com agrado que lhes estigmatizassem as inconseqüências e lhes exporramos os crimes, por estarem habituados a praticar impunemente todas as truculências.

E que a nossa expectativa não foi iludida provam-no os factos, porque *A Batalha* regista no seu activo, por parte dos governos — de quasi todos os governos — as mais odiosas perseguições, perseguições que vão desde o exercício da ignóbil censura prévia à prisão arbitrária dos seus redactores, e, por parte dos partidários negros do agrupamento em decomposição, a ameaça de morte e um oboardo assalto às nossas oficinas, a a estas oficinas de onde se ataca com dondó, mas de onde se ataca com lealdade que desejariamos, como homens de sentimentos que somos, fosse a preocupação primária dos que estão em contacto com o público ou dos que seus interpretes falsamente se proclamam.

Mas se *A Batalha* tem recebido, por parte dos seus adversários menos escrupulosos, enxovalhos que conspirem quem deles participa, consola-nos verificar que também tem sido objecto de inesquecíveis demonstrações de afecto, levadas a efeito por numerosos amigos deste jornal, que são aos milhares através do país inteiro, amigos que nas piores horas não sabido afirmar-nos, de maneira inequívoca, toda a sua simpatia pela nossa obra e a sua solidariedade com os nossos intuitos, que são o reflexo do pensamento da organização operária portuguesa, de que na imprensa somos o porta-voz.

A *Batalha*, decorridos estes dois acidentadíssimos anos da sua existência, está longe, não diríamos de ter vida próspera, mas de ter vida assegurada, e não exageramos se dissermos que, desde que a presente situação se mantenha, corre mesmo risco a vida deste jornal.

É óbvio que não sucederia assim se não nos tivessemos a nós mesmos opostos aos que são seguidos pelos órgãos dos industriais do jornalismo, momentaneamente suspensos por virtude da presente greve dos trabalhadores dos jornais.

E que entendemos que para que tenhamos autoridade moral para falar alto, como até hoje o

NOTAS & COMENTARIOS

Um bemérito

O sr. Poincaré realizou há pouco em Paris uma série de conferencias subordinadas a este curioso tema: «Porque razões quiz eu a guerra». Desta maneira o sr. Poincaré confessa. O sr. Poincaré quiz a guerra. Porquê? Não nos foi dado conhecer ainda a sùmula das conferencias realizadas. Naturalmente o sr. Poincaré quiz a guerra para salvar a liberdade dos povos. A liberdade dos povos é o bloqueio contra a Rússia, é o terror branco na Hungria, é a inquisição restabelecida em Espanha. O sr. Poincaré quiz a guerra talvez para pôr termo ao militarismo. E assim se vêem os dois anos de caserna implantados em França, e por toda a parte, um recrudescimento da fúria dos armamentos. O sr. Poincaré quiz decerto a guerra para promover a felicidade dos homens. E, em toda a parte, se vêem as populações famintas, as prisões repletas, a mordacação em serviço, os conflitos económicos revestindo um aspecto de extrema acuidade bem denunciado do desequilíbrio profundissimo da balança social. Mal antes da guerra, pior depois. Pois o sr. Poincaré quiz a guerra. As razões, ele, as saberá. Mas de qualquer maneira pode limpar as mãos a parede mais o bonito serviço em que colaborou.

Ação internacional

Vai reunir-se, por estes dias, em Viena, a conferencia dos chamados «re-construtores». Contrários à Internacional de Moscova, eles pretendem restabelecer a unidade internacional do proletariado por meio dum novo organismo a que já se chamou a 112 Internacional. Seja como for, e por mais desastrosas que se nos afigurem certas atitudes do operariado em alguns países, o certo é que por esse mundo fora se trabalha no sentido de conseguir internacionalmente a reunião dos esforços proletários. Por que orientação se decidirá o operariado português, dado que ele se disponha a quebrar o pernicioso isolamento em que até agora tem vivido? Nada está ainda resolvido a respeito do assunto. Mas será necessário, para que possamos pronunciar-nos com acerto, que estudemos completamente o assunto das relações internacionais, munidos-nos da documentação que por enquanto não possuímos. Só depois de cabalística escuridão a questão poderemos resolver conscientemente.

O desemprego

Nos Estados Unidos há actualmente três milhões e meio de operários desempregados. Como se vê não é só na Europa que as nações vitoriosas se vêem a braços com uma crise económica tremenda. Três milhões e meio de desempregados! O proletariado americano, influenciado pela orientação de Gompers e por isso mesmo apegado ainda às velhas e improficuas fórmulas conservadoras, tirará talvez do flagelo que o assola uma grande lição prática — e a lição revolucionária que o raciocínio impõe. A guerra foi um passo arcaicissimo do capitalismo mundial. Ela esclareceu os povos e ateou o fogo

A GREVE DOS TRABALHADORES DOS JORNAIS

Sobre terreno insubsistente

Não merece realmente a pena responder às desconchavadas parladas das empresas jornalísticas. Elas repetem-se, repisam, gaguejam, tergiversam, desmancham-se, contradizem-se. Acontece isto a quem, por habilidade e por conveniência, procura desvirtuar os factos ou defender uma causa injusta. Para as empresas, a causa está, esteve sempre moralmente perdida. Isto porque o público soube ver claro através do emaranhamento de dislates com que procuram turvar uma questão de si inteiramente simples.

No seu número de ontem o órgão das empresas chegava a esta conclusão espantosa: os trabalhadores de jornais ganhavam antes da greve salários suficientes, e a prova disso é que... não tinham morrido! Se tivessem succumbido todos de fome então sim, que estaria justificada a apresentação das suas reclamações. Seguindo a lógica peregrina do órgão das empresas concluir-se-á também que os operários podem trabalhar nos jornais sem remuneração alguma, porisso que, estando em greve há 37 dias, nenhum deles morreu ainda, apesar de privados da fúria. E é com semelhantes argumentos, e com tais insólitas parvoíces que as empresas procuram iludir a razão das nossas reclamações, e captar as simpatias da opinião pública!

Algumas classes de trabalhadores de jornais formularam, em 1920, umas quantas reclamações de ordem económica. Teimosas sempre, dum teimosismo sistemático quasi inútil, as empresas resistiram, e tal atitude determinou uma longa greve, ao cabo da qual se estabeleceram os salários que agora vigam. Dento para cá a vida aumentou em custo numa percentagem brutal. Esta circunstância e só ela forçou os trabalhadores de jornais à apresentação de novas reclamações. A semrazão do nosso procedimento só conseguindo demonstrar-las as empresas provando que a vida de facto não subiu. Fazem essa demonstração se são capazes, porque tudo o mais é palavrado estéril e ridículo.

As reuniões de hontem

R. União, ont em, com a comissão executiva do movimento, pelas 15 horas, o quadro tipográfico de *O Diário de Notícias* (edição da manhã). Foram trocadas impressões entre o referido quadro e a comissão executiva sobre a marcha do movimento, verificando-se que o moral não só daqueles camaradas, como de todos quantos estão empenhados na revolução que por toda a parte alastra já dominadoramente.

Pensamento

Os espiritos pequenos são feridos pelas coisas pequenas e não notam as grandes; os grandes espiritos vêem as grandes e as pequenas coisas e não são feridos por nenhuma. — *La Rochefoucauld*.

O azeite da União Fabril

Da Cooperativa do Funcionalismo Público recebemos a seguinte nota: «Tendo a Cooperativa do Funcionalismo feito um único e integral pagamento de 22.564.520 para a compra de 26.869 litros de azeite, não compreende como a Companhia União Fabril achou bom e válido esse pagamento para fornecer até 15.565 litros e o não considerar igualmente bom e válido para fornecer os restantes 11.294 litros. Esperamos que a lei será cumprida. Espera a cooperativa que a lei seja cumprida? Pois nós esperamos que suceda exactamente o contrário.

A Polónia

Alimenta intuitos pacíficos... BERLIM, 22. — A Polónia prepara uma grande ofensiva contra a Lituania, concentrando tropas na fronteira. — *Rádio*.

UM APÊLO A ESPANHA INQUISITORIAL

E' necessário que o boicote se torne efectivo e rigoroso

Em consequência do atentado que causou a morte ao gerente do *Altos Hornos de Bilbao*, a guarda civil cometeu um sem número de crimes para obrigar os detidos a confessar-se autores do atentado referido.

Os processos usados foram os mesmos que em tempos pretéritos se lançou não para fazer acreditar na existência de um deus que, a existir de facto, mil vezes mereceria a morte.

O número das prisões ultrapassou uma centena, não obstante dizer-se na referência especial que os agressores foram apenas seis. Desta centena foram expulsos de Bilbao, apesar de provada a sua inocência, mais de quarenta, homens que ali trabalhavam há quatorze e dezasseis anos, depois de desumanamente flagelados. Mais de sessenta foram processados, e já vereis os meios de que a autoridade se valeu para arrancar-lhes novas declarações.

Conduzidos ao quartel da guarda civil ordenaram-lhes que se despiem completamente. Feito isto, ataram-nos a uma coluna, e com um látigo de domar cavalos, feitura de couro com uma bola de chumbo na extremidade, flagelaram-nos sem compaixão até que por efeito da perda de sangue que lhes brotava de todo o corpo, e pelas graves contusões ocasionadas, perderam o conhecimento. Os bárbaros inquisidores escreveram então as declarações que lhes pareceram convenientes. Passava-se isto na presença dos restantes companheiros que, nós e mortos de frio, esperavam a sua vez de serem submetidos aos brutais tratos.

Toda a Espanha proletária sofre desta maneira o terror branco.

Devia efectuar-se anteontem o julgamento do camarada Pestaña, que não chegou a realizar-se, porque não há nenhum advogado que queira defender os operários, pois receiam os castigos que os governadores impõem a quem se arrisca a isso.

Em Saragoça não se apressam os jurados. Num julgamento

to em que deviam comparecer 24 faltaram 18. Noutro faltaram 23 dos 42 que deviam apresentar-se. A razão deste estranho facto é que as autoridades impõem aos jurados que condenem sem provas, e a consciência rebelde-se-lhes contra tam draconianos processos.

As perseguições e os atentados continuam. Pelo bando patronal foram ontem feridos, em Reus, dois trabalhadores do Sindicato Unico. Em Barcelona foi assassinado, ontem também, a tiros de pistola, quando ia no seu automóvel, o fabricante D. José Serra. A noite foi igualmente morto a tiro um operário amarelo. A tirania dos de cima engendra a violência dos de baixo. As autoridades concedem permissão a licenciados de presidio para que assassinem os trabalhadores que mais se distinguem na luta pela consecução dos seus direitos — o por este trabalho recebem o soldo da Confederação Patronal.

Para terminar com estes factos é necessário que o operariado internacional nos preste a sua ajuda, que intensifique o boicote aos produtos espanhóis. Só por meios desta eficácia se poderá chamar a razão os capitalistas espanhóis.

A Confederação Nacional del Trabajo enviou delegados a França e a Itália, e já estes enviaram agradabilíssimas notícias acerca do resultado das suas diligências.

Os companheiros Faure, Frosard, Cachin e outros estão dispostos a trabalhar com fé e entusiasmo para tornar efectivo o boicote e o comité da U. G. T. transmitiu as instruções necessárias para isso a todos os sindicatos franceses e, muito especialmente, ao ramo dos transportes.

E vós, companheiros portugueses, a quem estamos ligados não só por laços históricos mas também pela espiritualidade que caracteriza os nossos movimentos reivindicadores, é de esperar que cumpríreis os vossos deveres, boicotando e sabotando todos os produtos espanhóis.

Assim o espera o proletariado de Espanha.

Barcelona, 17.

CHISPАЗOS

O aniversário de «A Batalha»

A classe operária, reconhecendo o esforço que se tem empregado para que *A Batalha* a defenda e eduque, já, ontem, véspera do aniversário do seu jornal, iniciou as suas saudações.

Regosijamo-nos com o facto, não porque nesta casa trabalhemos o melhor que podemos para fazer de *A Batalha* o verdadeiro baluarte de justas reivindicações, e porque essas saudações nos atinjam também, mas porque vimos quantos os ideais emancipadores se tem espalhado, mereça da grande arma que é a imprensa.

Cada ano de existência de *A Batalha* representa inúmeras saudações, cuja suprema consolação é a de sentirmos que o momento decisivo, o alvo a atingir, se encontra a cada vez mais perto de nós todos.

Os sindicatos operários saudando *A Batalha*, saúdam ao mesmo tempo todo o proletariado consciente que, apesar de todos os obstáculos, a tem apoiado, dando-lhe a extraordinária força moral que destrói pouco a pouco esta sociedade iníqua.

Uma saudação da U. S. O.

A União dos Sindicatos Operários, em assembleia de delegados ontem efectuada, aprovou, por unanimidade, uma moção apresentada por Alberto Monteiro, delegado da Associação dos Operários Alfaiates, saudando *A Batalha* pela passagem do 2.º aniversário deste jornal, tendo a mesma assembleia resolvido transmitir-lhe a sua homenagem em officio.

Também o Sindicato Unico Mobilário nos saúda na comunicação seguinte: «O Sindicato Unico Mobilário, este sindicato saúda o intemerato órgão operário, que, a despeito de várias perseguições e ataques movidos por vários governos, tem sempre, através de todas as anomalias, procurado desempenhar-se da sua missão em prol da organização que representa.

Este sindicato faz votos para que de futuro os organismos operários, tendo em atenção as necessidades da organização e a missão a desempenhar pelo órgão operário, lhe deem a vitalidade necessária, para que, preenchendo várias lacunas, esteja a altura de ser um órgão ainda mais progressivo.



Libertando o mundo do lixo burguês que o conspurca

DEBATE DE OPINIÕES

Palavras oportunas

Profere-as um republicano
cuja opinião é inuspeita

A João Chagas, o audaz e vibrante planificador republicano de outros tempos, não falta ainda a visão sagrada das situações e dos acontecimentos. São dele estas palavras a propósito do 30.º aniversário do 31 de Janeiro:

«A República entrou na cena política sem decisão. Tinha sido preciso instalá-la desde logo como uma soberania legítima que toma posse do que é seu. Dessa soberania os republicanos não tiveram evidentemente a plena consciência e, assim, o que vimos? Vimos que a maior preocupação da República, ao ocupar o poder, foi de não deslocar interesses. Como se isso fosse possível!

«Quando um regime cai e outro se levanta, diz Ledru Rollin, cava-se entre um e outro um abismo que é necessário ter a coragem de saltar a pé juntos. «A República não teve a coragem de dar esse salto e começando por misturar o futuro com o passado, na sua absurda preocupação de conquistar este em benefício daquele, o que fez afinal foi criar na ordem moral a confusão e na ordem política o equívoco. Até que ponto essa confusão e esse equívoco foram funestos dizem-nos dez anos de lutas sempre renovadas e finalmente a guerra civil».

O que a fica transcrita serve-nos melhor a nós, no presente momento, do que aos republicanos, que já não estão a tempo de recuperar o terreno perdido.

Todos os socialistas devem meditar naquelas palavras pelo que elas têm de lógico.

Há quem pense que a revolução socialista terá de transigir com o passado deixando subsistir a pequena propriedade agrária.

Vale a pena dedicar uma demorada atenção a este problema.

Se por virtude de influências externas ou por agravamento ainda maior das condições de vida nacional, se precipitasse um movimento revolucionário entre nós, se uma das consequências desse movimento fosse a apropriação individual das terras pelos camponeses, tendência que não deixa infelizmente de verificar-se, a revolução, essa revolução que hipoteticamente estamos figurando, seria tudo o que quisessem menos socialista.

A Rússia acaba de sofrer um forte abalo. A antiga e incensurável propriedade dos boiados está hoje pulverizada pela grande massa dos camponeses russos que constituíram a quase totalidade da população desse vastíssimo império que ia do Báltico ao Pacífico. E mais racional e humano que sejam os próprios camponeses que trabalham as terras os seus proprietários.

No teatro de S. Bento

O adiamento de escolas de recrutas

Preside o sr. Abílio Marçal. Lida a acta e o expediente, entra-se no período de antes da ordem do dia.

O sr. Pedro José Pita pede à presidência que empregue os seus esforços junto da comissão de finanças, no sentido de dar, quanto antes, o seu parecer sobre o projecto de lei referente à magistratura, dizendo o presidente que o projecto seguiu já para a comissão de finanças.

O sr. Pais Rovisco declara que a magistratura vê-se há obrigada a ir junto do sr. presidente da República, na impossibilidade de se lançar em greve, pedir a sua demissão.

O sr. Manuel Fragozo protesta indignadamente contra a campanha do jornal *A Batalha* sobre a maneira como a polícia está procedendo para com os presos políticos e por crimes sociais.

O sr. Cunha Leal diz que a estas horas deve, como ministro das finanças, estar substituído. Não vai ocupar-se de casos mínimos, mas apresentar-se como deputado e não como réu, acusando aqueles que o acusaram.

Comprou aproximadamente 500.000 libras, porque os encargos do Estado existiam. Dizer-lhe que manobras cambiais se estão forjando. A baixa cambial, accentua-se. Por esse e por outros motivos, não queria continuar no seu lugar de ministro.

A Câmara que deitou abaixo o governo, a que pertencem, que arranje outro depressa, como os destinos da pátria da República reclamam.

Termina, exclamando: «Faca-se alguma coisa e acabe-se com as paixões políticas».

Prosegue em discussão o projecto de lei 641 A, sobre o adiamento de escolas de recrutas.

O sr. Américo Olavo condena a doutrina do projecto, entendendo que a câmara não deve tomar deliberações sobre o assunto sem que esteja presente o sr. ministro da guerra.

O sr. Pereira Bastos considera o projecto ruinoso e destruidor para o exército. (Protestos energicos).

O sr. José de Almeida, em nome da minoria socialista, declara aprovar o projecto do sr. Plínio Silva, por envolver redução de despesa, discordando, todavia, de alguns pontos de vista do mesmo projecto.

O sr. Plínio Silva, responde ao sr. Pereira Bastos, reconhecendo com desgosto, que sua ex.ª não prestou a devida atenção às considerações por ele formuladas tanta vez sobre o assunto.

O sr. Américo Olavo requer que o contra-projecto apresentado pelo sr. Plínio Silva baixe à comissão de guerra, o que foi aprovado.

Prosegue a discussão do projecto de lei, decidindo 500.000\$000 à Assistência. Depois de falar sobre o assunto o sr. João Camoazes, o sr. Plínio Silva requer que prossiga a discussão do seu projecto inicial, sendo aprovado.

Sobre o assunto falam os srs. Américo Olavo, que transmite a opinião total da comissão de guerra, que considera inconveniente o adiamento das escolas de recrutas, Pereira Bastos, João Camoazes, Plínio Silva e António Granjo, que fica com a palavra reservada para hoje.

Mas, não tenhamos ilusões, isto está bem longe de ser o comunismo. Enquanto existir o *leu* e o *meu*, não há solução comunista. Mas, dirá o leitor, quem dispõe do poder na Rússia é um partido que se apela de comunista. E' certo.

E nós sabemos que Lênine e todos os seus colaboradores são dos que menos, na Rússia, desejariam que as cousas levassem o caminho que levaram. A massa dos camponeses russos que não estava suficientemente embuída dos princípios comunistas, retirando a terra e apropriando-se dela, constituiu hoje o maior obstáculo à marcha da revolução. Louváveis esforços tem empenhado os revolucionários russos na reforma e difusão da instrução pública, na protecção das artes e das sciencias, na infância e na velhice. Tudo isto é esplêndido, mas não é ainda o verdadeiro socialismo. E sendo assim, desde que encontramos obstáculos insuperáveis à realização integral do seu programa, porque se conservaram no poder os chamados comunistas?

Talvez porque alimentam ainda a esperança de levar por diante a comunicação das terras. Como na Rússia, as terras sobram, mesmo depois da apropriação individual operada pelos camponeses, o governo dos soviets tem instituído comunas agrárias, aqui e ali, esperando que os resultados do regime comunista convenceram os camponeses das suas vantagens e superioridade. Porém, até hoje, que sabemos, os camponeses não desistiram ainda da posse individual da terra e mostram-se dispostos a resistir a toda a tentativa de comunização. E' contra este obstáculo insuperável que fracassa a revolução russa. São os camponeses russos que amarram e inutilizam as tentativas comunistas de Lênine, de Tróizky e de todos os outros revolucionários que se encontram à frente da organização dos soviets.

Se em Portugal, por uma preparação prévia, não conseguirmos influir no espírito dos camponeses de modo que a expropriação das terras se faça em nome dos sindicatos e para os sindicatos, a revolução socialista não será ainda um facto.

Transigir com a posse individual da terra é, para nós, cometer um erro idêntico ao dos republicanos que, como muito bem diz João Chagas, não quiseram deslocar interesses.

E o resultado foi o que todos nós temos visto. Nada mudou visivelmente na estrutura social. Pois muito bem: o socialismo não adiantará um passo pelo facto da propriedade ter passado das mãos duns proprietários para as de outros.

J. RAMOS.

Contra a carestia da vida

Importante comício em Santarém

SANTAREM, 21.—C.—Pelas 15 horas de ontem realizou-se nesta cidade um importante comício público, para ser apreciada e aprovada uma moção que foi entregue ao governador civil, que por sua vez a fará chegar às mãos do comissário geral dos abastecimentos. Abriu o comício o amanuense da administração do concelho sr. Alfredo Soares, um dos membros da comissão promotora, que convidou para preso de honra o professor primário sr. António Fernandes. Este foi infeliz na escolha dos secretários, pois nomeou os srs. Constâncio dos Reis e Maximiano das Neves, que a tal se recusaram, talvez porque não são consumidores ou tem responsabilidade no mal estar da sociedade, tendo sido um deles dirigente do celeiro municipal.

Por fim aceitaram o lugar de secretários os camaradas Joaquim Rodrigues, tipógrafo, e José Madeira, pintor.

Falaram Alfredo Soares, José Madeira, Joaquim Rodrigues e Manuel Rodrigues, que se referiram com palavras de levôla aos gananciosos comerciantes e lavradores.

Também falou o proprietário Domingos José Alves, que, quando um dos oradores se referia aos lucros dos comerciantes, lavradores e proprietários, se lhe dirigiu, perguntando quanto ganhavam os operários na época a que se referia e quanto auferiam actualmente, exigindo a assistência que explicasse as suas palavras. Ele então desfez o que havia dito, mostrando que nunca foi inimigo dos operários, pois, de contrário, sempre nele encontravam um amigo, estando a sua bolsa constantemente aberta para auxiliá-los, afirmando não ser dos mais gananciosos, porque no seu talho está vendendo a carne mais barata que nos outros.

Falou ainda o presidente, que, num belo discurso, atacou algumas autoridades por estarem protegendo os lavradores e comerciantes, referindo-se ao caso do falsificador de azeite desta cidade, que devia responder no prazo de 8 dias, mas que ainda continua à solta. Se qualquer trabalhador, com a fome, roubasse umas batatas ou qualquer outro género para se alimentar e à família, logo seria enviado para África como o pior dos facinorosos.

Após o encerramento do comício, que foi muito concorrido, fez-se entrega da moção ao governador civil.

Foi mais uma demonstração dos famintos, sendo de notar que muitos ainda faziam críticas, naturalmente por o comício não ser promovido por políticos, a quem parece estarem enfiados.

O Grémio Socialista do Castelo, reúne na próxima sexta-feira, para apreciar vários alvites, no que diz respeito à defesa do povo consumidor, podendo assistir os indivíduos que não sejam sócios.

O Olavo, que transmite a opinião total da comissão de guerra, que considera inconveniente o adiamento das escolas de recrutas, Pereira Bastos, João Camoazes, Plínio Silva e António Granjo, que fica com a palavra reservada para hoje.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. Mobiliário — Comissão — Melhoramentos — Reuniu esta comissão, tomando conhecimento da solução do caso passado na marcenaria Marinho Aguiar, e que era o seguinte:

O patrão despediu o pessoal no meio da semana sem prévio aviso, acoimando-o de gatufo. Entrevistado o industrial, retirou a acusação e pagou aos operários os dias que não trabalharam. Tomou conhecimento que alguns camadas fazem trabalhos douras especialmente, o que não é admissível, encetando trabalhos tendentes a evitar estes abusos.

Secção profissional dos cesteiros. — Atendendo a um ofício enviado pela Federação, reúnem amanhã os operários cesteiros.

Operários Alfaiates. — Reúne hoje a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Projecto de organização do conselho técnico; 2.º Apreciar a circular n.º 1 da U. S. O.

S. U. da Construção Civil — Comissão escolar — Reuniu ontem parte desta comissão, a qual não pôde entrar em trabalhos práticos em consequência das camaradas delegadas das secções profissionais dos pedreiros, carpinteiros, estuadores e pintores não terem comparecido, aos quais se pede a sua comparecimento amanhã para assim darmos cumprimento ao nosso mandato.

Secção do Alto do Pina — São convidados todos os membros da comissão administrativa a reunir hoje, pelas 20 horas, assim como o camarada Joaquim Correa, que foi agregado à mesma comissão administrativa para fazer parte da comissão do benefício em favor dos presos por questões sociais da indústria. Previnem-se todos os camaradas ainda não liquidados os seus débitos correspondentes aos bilhetes que venderam para o benefício que se realizou no salão dos Anjos, a fazê-lo até ao próximo dia 26.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil — Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão de auxílio aos presos por questões sociais, vivas e orfãos da indústria da construção civil.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade — São convidados todos os camaradas que foram nomeados para a nova comissão administrativa da bolsa, a comparecer hoje, pelas 20 horas, na sede, a fim de tomarem posse dos cargos para que foram eleitos.

Federação Mobiliária — Comissão administrativa — Afim de se ocupar do funcionamento dos sindicatos de Braga, Guimarães e Vizeu, e da primeira reunião do conselho federal, reúne hoje, às 20 horas, a comissão administrativa desta federação, para o que se roga a comparecimento de todos os seus membros.

Cabouqueiros e fabricantes de cal — Reúne esta classe, em assembleia geral, amanhã, às 20 horas.

Cosineiros e criados portugueses da Navegação Estrangeira — Reúne hoje, pelas 12 horas, a assembleia geral, na sede social, Escolas Gerais, 15 1.º. Pede-se a comparecimento de sócios e não sócios para tratar de assuntos urgentes para a classe.

Empregados de Fotografia — Reúne hoje a assembleia geral, em 2.ª convocação, para apreciar o relatório e contas da última gerência e proceder à eleição dos corpos directivos.

Foguerios de Mar e Terra — Reúne hoje a assembleia para a apresentação do relatório e contas da gerência do ano de 1920, parecer do conselho fiscal e eleição dos corpos gerentes para o corrente ano.

Previnem-se por este meio os camaradas do vapor *Queimane* que tem de se apresentar no tribunal da Boa-Hora no próximo dia 25 do corrente, pelas 11 horas, a fim de responderem pelo caso passado a bordo do mesmo vapor.

Sindicato Unico Mobiliário — Comissão Administrativa — Reúne hoje, pelas 20 horas, os componentes desta comissão, e pede-se a comparecimento do secretário administrativo.

Manufactores de artigos de viagem — Convidam-se a comparecer hoje na sede, pelas 20 horas, os camaradas que fazem parte da comissão revisora de contas nomeados na última assembleia geral desta especialidade.

Sindicato Unico da C. Civil — Secção profissional dos canteiros e pedreiros de mármore — Reúne hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, para tratar de assuntos que interessam a classe dos canteiros, assim como também para nomear um camarada para o conselho administrativo do sindicato unico, em substituição do saudoso camarada Sabino Raimundo. Pede-se a comparecimento de todos os canteiros, e em especial os canteiros que trabalham no Arco do Cego.

Pelas Colónias

Falta de géneros e a situação do funcionalismo na Guiné

O governador da Guiné informa ter contratado na metrópole o fornecimento de vários géneros de primeira necessidade que ali faltam em absoluto, pedindo todas as facilidades para o seu embarque, e diz que a situação do funcionalismo é deves angustiosa, pedindo a aprovação da proposta para o abono de subvenções.

Os telegrafos-postais de Cabo Verde abandonam o serviço por exiguidade de vencimentos

O governador de Cabo Verde informa que, em virtude da exiguidade dos vencimentos atribuídos ao pessoal telegrafico-postal, os seus melhores funcionários tem abandonado o serviço por excoerção ou licença limitada, o que está causando sérios embaraços para se manter a normalidade de serviço, terminando por pedir autorização para melhorar quanto possível a situação económica dos referidos funcionários.

MALAS POSTAIS

Pelo vapor *Hildebrand* são hoje expedidas malas postais para a Madeira, para, Manaus, Maranhão e Ceará, sendo às 9 horas a última tiragem da caixa geral.

Servindo os amigos...

A questão das conservatórias

Como se sabe, foi há dias aprovado na câmara dos deputados um projecto de lei criando duas novas conservatórias do registo predial em Lisboa. A conversão em lei de referido projecto, destinado apenas a servir dois indivíduos, com manifesto prejuizo dos interesses duma elevada parte da população da capital, representará um dos grandes escândalos da república. Pessoa conhecedora do assunto diz-nos o seguinte:

«Nem as necessidades do serviço, nem o interesse público exigem a criação de novas conservatórias em Lisboa, e bem ao contrário, necessário é que a área das conservatórias atuais não seja alterada, pois são gravíssimos os transtornos e prejuizos que causa a desanexação de qualquer freguesia da conservatória em cuja área está compreendida, e a sua correspondente anexação a outra conservatória. Com efeito, exigindo a lei que para se efectuar algum registo relativo a prédio pertencente à nova conservatória é indispensável transcrever nesta a certidão de teor da respectiva descrição e de todas as inscrições em vigor passadas na conservatória a cuja área o prédio anteriormente pertencia, é óbvio que os interessados são obrigados a novas despesas por vezes avultadas, sendo de notar que a demora em obter aquelas certidões e consequentemente promover o registo na nova conservatória pode originar prejuizos consideráveis. E' o caso de um credor que precise de registar urgentemente hipoteca constituída sobre um prédio cuja freguesia foi desanexada da conservatória a que pertencia, ter de esperar que naquela em cuja área estava compreendida anteriormente lhe passem a competente certidão com o grave risco de, entretanto, ser registada hipoteca posteriormente constituída sobre o mesmo prédio, ficando assim preteridos os seus direitos. Que digam os proprietários dos prédios situados na área da 4.ª Conservatória, criada em 1918 pelo dr. Nobre de Melo, os inconvenientes que para os seus interesses acarretou a criação dessa conservatória. Não fez o autor do projecto de lei em questão quaisquer considerações que pretendam impô-lo, nem se podia fazer visto que nenhuma razão há que possa ser invocada em sua justificação, a menos que se considere razão peso o desejo de aniquilar dois bachareiros, despaçando-os conservadores para as novas conservatórias. Por isso mesmo houve na câmara dos deputados interessados que promoveram a sua aprovação com urgência, dispensa de regimento e demais sacramentos para que ele passasse de afogadilho! Há dois amigos para arrumar, e como quer que a mesa do orçamento não comporte mais comensais, vá de criar novos nichos, ainda que com pesado sacrifício dos interesses do público, sempre disposto a suportar as poucas vergonhas dos nossos políticos!»

E' possível que o senado cubra com o seu voto aquele arranjinho cozinhado na câmara dos deputados, a despeito de se tratar dum autêntico escândalo.

Em Aljostrel

Organização do Sindicato Unico Metalúrgico

Apos a sessão de propaganda realizada em Aljostrel pelos delegados da C. G. T. do S. U. Metalúrgico de Lisboa, para a preparação do próximo Congresso Nacional da Indústria, foi nomeada uma comissão para tratar da imediata organização do Sindicato Unico Metalúrgico daquela localidade.

Por comunicação da recepção, podemos dizer que no domingo se realizou uma grande reunião de operários daquela indústria, sendo resolvido organizar-se o Sindicato Unico Metalúrgico e nomeados os respectivos corpos gerentes que recaíram nos seguintes camaradas:

Secretário geral, António Severino; secretário adjunto, Vitor Manuel; secretário administrativo, António L. Camacho; arquivista, Luís Barco Perdigão; tesoureiro, José João Rosa Bile; vogais, José Guerreiro Neto e Francisco Rosa. Assembleia geral: 1.º secretário, António de Almeida; 2.º secretário, José Carreira Barradas; suplentes, Francisco Chaveiro e Francisco Cecilia.

Na mesma reunião deliberou-se que a cota sindical fosse de \$40 por mês e \$20 também mensais para a Caixa de Solidariedade.

Foi oficiado ao Sindicato Unico Metalúrgico comunicando a constituição da nova colectividade pedindo vários esclarecimentos para a sua organização completa.

Trabalhadores Rurais

Informam-nos também da mesma localidade que os trabalhadores rurais vão reunir dentro de breves dias para organizar a sua associação de classe.

JUVENILISMO SINDICALISTA

Núcleo da Construção Civil. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Nomeação da comissão executiva deste núcleo; 2.º Nomeação do delegado à comissão de propaganda do núcleo de Lisboa; 3.º Assuntos diversos.

Núcleo do Barreiro. — São convidados a reunir hoje, em assembleia geral, todos os adscritos deste núcleo, e em especial os sócios fundadores, para se resolverem vários assuntos que se prendem com o seu desenvolvimento. Os sócios que não puderem comparecer, pedem-se a justificação da falta, para assim poderem contar com os sócios, que de futuro nos ajudarão na nossa obra já encetada.

Núcleo da Indústria de Calçado. — Camaradas e Peles. — Convidam-se os camaradas que tenham livros de auxílio à juventude que venham dar contas o mais depressa possível, igualmente se convidam os jovens da indústria a reunir amanhã, pelas 20 horas, em assembleia geral, para apreciar o relatório dos delegados ao congresso e o relatório de contas.

Pelas prisões

Depois de alguns dias de prisão, foi ontem posto em liberdade o ferroviário José Augusto Monteiro.

No calabouço onde se encontrava, na esquadra dos Terrenos, não há taberna, sendo o preso obrigado a dormir sobre o chão húmido.

Nada mais humano!

NO COLISEU DOS RECREIOS

explicam-se porque trabalha ali

A MAIS FORMIDAVEL COMPANHIA DE CIRCO

que tem vindo a Portugal e é constituída pelos artistas

Maryland DERBY BANOLA 3 LOTTO'S
MAISS ADRIANA E CHARLOT EMMA E HENRY Reiflerro
JARDY'S FERRARI BARON CALINO E CRICRI
BUFALO E CARABINE Machuca Martinetti Rico e Alex

TRIUNFO! ENTUSIASMO! VARIEDADE! ATRACÇÃO!

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Puccini agonizante

BASILEIA, 22.—Um radiograma de Nauen, não confirmado por nenhuma outra procedência, diz que o célebre compositor Puccini está agonizando. — Rádio.

NA GRÉCIA

Descobre-se um palácio mecenício

ATENAS, 22.—Como resultado das últimas investigações feitas em Pegase (Tesalia) foi descoberto um palácio do período mecenício, muito bem conservado.

Lembra-se a este propósito que em 1909 um arqueólogo grego, ao sr. Arvanopoulos tinha empreendido pesquisas na mesma localidade em nome da Sociedade Arqueológica Helénica, conseguindo descobrir uma série de pinturas do período Helénico.

Pegase é célebre pelo templo que nela construiu Jasão, como recordação da sua passagem pelo Helesponto em procura do Velo de Ouro. — Rádio.

Na Hungria

Prepara-se uma repressão violenta

VIENA, 22.—Segundo notícias recebidas de Budapest, a situação interior parece agravar-se por causa da atitude tomada pelos operários.

O jornal *Abend* diz que os operários ameaçam declarar a greve geral, para obter novos aumentos de salário que até agora tem negado o governo.

Por outra parte, o jornal húngaro *Nepozav* diz saber que o Almirante Horthy, regente do reino, anunciou que no caso de se declarar a greve, a repressão militar seria horrível.

Sabemos de fonte segura que os socialistas húngaros se reorganizam e que muito em breve se vai celebrar uma conferência de delegados operários.

Os chefes Gerami e Ruchinger serão, segundo consta, substituídos por chefes mais extremistas.

O governo toma por sua parte medidas de importância para a manutenção da ordem pública. — Rádio.

CONTRA O ALCOOL

E' quasi certa a aprovação de uma lei neste sentido na Dinamarca

LONDRES, 22.—Telegrafam ao *Exchange Telegraph* de Copenhague que foi apresentado um projecto de lei pedindo a proibição de exportar, fabricar ou vender quaisquer classes de bebidas alcoólicas. Diz-se que os partidos da esquerda estão dispostos a sustentar tal medida. Portanto, a sua adopção é inevitável e podia ocasionar-se uma crise minis terial. — Rádio.

Em Espanha

Descobrem-se «complots» sindicallistas

BARCELONA, 22.—Descobriram-se importantes complots sindicallistas, efectuando-se muitas prisões. — Rádio.

A burla eleitoral

BERLIM, 22.—O resultado das eleições para a Dieta prussiana mostra que a maioria dos lugares foi ganha pelos partidos das classes médias contra os socialistas comunistas. O partido popular alemão e os democratas perderam um certo número de lugares que foram ganhos por os nacionalistas alemães; os socialistas independentes foram seriamente derrotados e as suas perdas reverteram em vantagens dos socialistas democratas e dos comunistas. O Centro católico manteve a sua antiga força. — Rádio.

Na Irlanda

tem sido incendiadas várias herdades

LONDRES, 22.—Tem sido incendiadas várias herdades no Lancashire e Cheshire. Um proprietário duma herdade descobriu dois homens a lançar fogo a um depósito de cereais. Quando se sentiram descobertos deram seis tiros contra o proprietário sem o atingir, tendo fugido depois, deixando o material com que pretendiam lançar o fogo.

A polícia atribui estes casos aos simpatizantes. — Rádio.

Os aliados e a Alemanha

A benevolência dos que lutaram pela democracia

PARIS, 21.—Antes de partir para Londres o sr. Briand deu explicações sobre as discussões que levaram às conclusões da conferência de Paris. Sobre as sanções a aplicar à Alemanha, o sr. Briand precisou que seriam: 1.º Prolongamento da ocupação da Renânia; 2.º Alargamento dessa ocupação; 3.º Modificações nas relações entre a Renânia e os países vizinhos. 4.º Recusa de entrada da Alemanha na Sociedade das Nações. — Havas.

O desarmamento...

A América não acha conveniente a redução do armamento

WASHINGTON, 22.—O senador Mac Cormick, que visitou recentemente a Europa, diz-se que como enviado particular do presidente eleito declarou no Senado que não era de desejar a redução do programa de armamento dos Estados Unidos, em vista das rivalidades que existem entre os aliados. Acrescentou que os europeus estavam mais nacionalistas do que nunca, e que os tratados feitos depois do armistício deviam ser todos revistos. — Havas.

Violento incêndio

PARIS, 22.—Declarou-se incêndio nas docas de Antuerpia causando um prejuizo de 200 mil libras. — Rádio.

Caruso melhora

NEW YORK, 22.—Caruso está muito melhor sendo permitido já que se sente no leito. — Rádio.

Nos Estados Unidos

Um projecto de lei para regulamentar a emigração

NEW YORK, 22.—Uma enorme maioria de senadores aprovou o projecto de lei restrito à emigração. O projecto limita o número de emigrantes a partir de 1 de abril até ao máximo de 355 mil. Se o projecto de lei for definitivamente aprovado apenas poderão entrar nos Estados Unidos 77.206 ingleses por ano. — Rádio.

No Oriente

Os russos e os arménios invadem a Geórgia

CONSTANTINOPOL, 22.—O exército bolchevista em cooperação com os vermes arménios invadiu a Geórgia, porque este país se recusa a evacuar o distrito do Dortchals que até aqui tinha sido considerado como fazendo parte da Geórgia. Os bolchevistas a despeito da resistência da Geórgia avançam. Tiflis está ameaçada e o governo da Geórgia retirou-se para Batum. — Rádio.

Os gregos não podem continuar a campanha contra os kemalistas

LONDRES, 22.—Uma alta personalidade militar grega declarou que, segundo as impressões que chegam da Anatólia, é impossível continuar a campanha contra os kemalistas, não por causa da resistência das tropas turcas mas pelas dificuldades que apresenta o terreno e que impedem a sua continuação. O governo de Atenas está ao pé da situação e estuda a necessidade de diminuir os gastos militares, limitando a ocupação em Smirna e cessando toda a ofensiva. — Rádio.

Poveiro condecorado

Foi concedida a medalha de prata de mérito, filantropia e generosidade ao poveiro Francisco, da Silva Saneadas, o «Lirio».

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Gráficos das casas de obras

Para um assunto importante, reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão pró-aumento de salário das casas de obras, juntamente com os delegados da Federação, Associação dos Compositores e Associação dos Impressores.

Gaderneta perdida

O operário Manuel Tavares, sócio n.º 15.512 do Sindicato Unico da Construção Civil, perdeu a sua gaderneta confidencial, pedindo a pessoa que a encontrou o favor de a entregar neste jornal ou na sede do Sindicato.

TEATROS & CINEMAS

Primeiras

CONTOS DE «A BATALHA»

O FIEL

Eu sentia um grande dó, um imenso dó pela Lili podarosa e magriça, que há tempos se enterrara numa covilinha do Alto de S. João.

Conhecia-a recatada e honesta, com as olhadelas cúbicas que a miúda juventude lhe dirigia ao encontrá-la no patamar da escada. Morava ali no primeiro andar, num prédio de azulejo, habitava-se em águas-furtadas de telhas baixas e sol claro a entrar de manhã pela janela da cozinha arejada e ampla.

Naquella época Lili namorava todos os rapazes imberbes que o acaso levava àquella rua solitária dos bairros centricos. Eu era um garoto para quem as raparigas ainda olhavam com desdém, e tinha pena, muita pena de não possuir mais cinco anos sobre os meus contos para pôr em prática, com as preverões estranhas aprendidas na escola.

Nunca perdi Lili de vista. Admirava-a e delicada, bordando, sentada à varanda, para a vizinhança curiosa, e para os escravos petulantes e as brancas, cujas pétalas eram retrós apontando sobre panos de colorido intenso. Via-a mais tarde errar a sua magra e apavorante e a sua sifilis mal curada no pó com que cobria o rosto, pela travessa de S. Domingos e pelo túnel oriental do Rossio.

A história de Lili é uma história vulgar, toda a gente a encontra na vida quotidiana de qualquer outra Lili ou Mimi que emprestam o corpo a tanto por hora.

Um rapaz bem parecido, o último namorado, aproveitou-se dum momento de revolta de Lili — a Lili coagida pelos capões a respeitar convenções ridículas e a representar dia a dia ingenuidades que não tinha — para, descrevendo-lhe uma vida ideal de céus, ventos e de sol, noites de teatro e comodidades confortáveis numa casinha encantadora no Alto da Penha, a levar a abandonar o lar sosegado, na ansia indomita de liberdade.

A súbita mudança de vida excitou-a. Passou dias de delirante alegria. Infância, nervosa, ávida de viver, sorveu em alguns meses a taça plena das grandes orgias, que bastariam para abalar o mais sólido organismo. Depressa encontrou delicioso sabor nos mais inspidos passatempos: habituou-se ao fumo suave das cigarrilhas *chies*; acostumou-se a paladar aos vinhos fortes que fazem do vinho e aos licorosos que encantam pelo perfume e pela policromia admirável; gastou horas sem fim ante a mesa verde, afrodísia, com as borboletas, pelos jogos de luz estonteante, na jogatina desenfreada do *bacarat* ou da roleta. E ao cabo de seis meses a bondosa Lili, que era a filha do carinhoso e meiga — bem o sabia o *Fiel*, traidor pelo felpo que a acompanhara na fuga — apresentava os olhos de seu amante umas olheiras mais profundas, uma magreza mais esmagada, um cansaço assustador que a perdia em voluptuosidades ao leito, escutando a chuva a murmurar nas vidraças, em montanhas frigidíssimas de inverno.

Por mais que compusesse o cabelo e o genado, que de negro que era se tornava um louro agressivo e metálico; por mais que reforçasse o vermelho tangente dos lábios pintados e recomendasse encheimados fôcos ao *tailleur* que lhe confeccionava os vestidos *derrier cri*, não conseguia ocultar ao seu Armando a rápida decadência física que se adivinhava e lhe acarretaram.

Um dia Lili viu-se abandonada na casinha alegre da Penha de França. Esperou por Armando para jantar e este não apareceu, como de costume, com o ramo de violetas tristes ou cravos dum vermelho cantante. Desceu a noite, e *Fiel*, vivendo ligeiramente na casa silenciosa, encheu Lili de terror. Sentiu-se, muito só, esquecida num país distante. Deitou-se inquieto, acouchou-se bem junto do cão, passando-lhe a mão sobre o pelo farto e alvo, ouvindo o tic-tac do relógio e o bater de horas lentas de longe em longe.

Clareou a madrugada enfim, subiu pouco a pouco o sol fulgurante, voltou a esperança e o amante não voltou, não tornou mais. Desde então a vida de Lili foi um declinar rápido para a desgraça.

Dirigiu-se a abandonada, perdidas as esperanças, lamuriante, chorosa à Estrela, uma gorda sanguine, conhecida da batota, batida nos prostíbulo, que lhe arranjou guarida na rua do Ferrel, bordel de francesas de importação, visitado por alguns dias e o *Fiel* saracoteava-se de contente, enrolava-se sobre

os sofás como uma bola de algodão. Lili gaguejava um francês de escola e illudiu os portugueses imberbes. Porém, a sua tosse caía, cada vez mais impetuosamente, os frequentes achagues e a sua magreza horrível afastavam os frequentes e agastados a patrão a pontos dum bela manhã a mandarem fazer as malas e pôr na rua, por inútil.

Desceu de categoria: procurou abrigo no Bairro Alto, em casas inferiores. Praticou todos os vícios, corrompeu um certo recato de linguagem que lhe dava encantos e sifilose-se até às orlas, de onde pendiam uns brinços de pedrarias falsas e rutilantes.

Manchas roxas cobriram-lhe o corpo e invadiram-lhe o rosto; não havia pôs nem tinta que disfarçasse o desarmônio; inchaços nojentos desfaleciam-lhe o pescoço elegante, rebentaram-lhe em pus purulento; uma rouquidão irritante empanou-lhe a voz clara. A Lili fresca e virginal que eu conheci em tempos não se reconhecia naquele corpo escuro, aquele rosto deformado.

— Você está podre, anda a cheirar mal pelos cantos, seu coitadinho! — um dia a Mica, a dona da casa, quando Lili, fumando um cigarro de onça e jogando, com outras, a busca lamina, mostrava ao traçar a perna, as canelas secas, e os folhos amarratados da saia branca encolada, que ela já não mandava enganar.

Provocaram estas palavras tal rixa truculenta que acudiu a polícia e Lili foi levada para o governo civil.

O *Fiel*, coitado, habituara-se à doce vadiagem pelas ruas do bairro, procurava alimento no lixo dos caixotes, e trazia o pelo irado e sujo, que metia d'ou. Quando Lili, após oito dias de promiscuidade aviltante nos calabouços, saiu ali, apenas um amigo a esperá-la ali perto — o *Fiel*, que a acolheu latindo e saltando de alegria.

Lili correu depois várias casas de raideiras, reles. Uma noite, quando estava de janela, na faina obrigatória de atrair passantes, um vulto que se aproximava fê-la estremecer; sentiu o coração galopar apressado dentro do peito débil. Era Armando.

— Pat, pst, oi Armando! — E Armando subiu. Reconciliaram-se, houve beijos estridentes, repenidos — Lili já não sabia dar outra maneira — e mandou-se à tasca da esquina buscar bacalhau e vinho para ceia em juntos. Dois rapazes que apareceram de repente, arranhando guitarra e viola, alegraram a patusada com fadinhos sentimentais.

Armando contou a sua triste história; a batota não dava nada agora, pouca sorte, os bons fatos tinham-se o preço, o diabo e Lili a despedida, tirando da meia de seda de cores em papel ainda quente da perna magra, meteu-a sublimemente na mão de Armando, que subiu sublimemente a esgueirar para o bolso fundo. E dali em diante Lili tinha mais um pesadelo — um *souteneur* exigente que a espancava à doída.

— Eram tão brutais as cenas de pancada, tão turbulentas as relações dos dois amantes, que mais uma vez Lili teve que abalar, acompanhada do inevitável *Fiel*.

Ultimamente Lili alugava as misérrimas, de noite, pelas ruas escuras. Conhecia as hospedarias imundas e as perseguições da polícia, sofreu tanto que perdera o gozo de chorar.

— Se uma mulher honesta soubesse o que é esta cova de vida fácil — dizia Lili nos momentos de enervante desespero — não escutaria as frases embaçadas com que estes chulos nos enrolam, não.

Entretanto, Armando, todo ufano na sua *gabaridine*, não falava um só dia a receber a esportula vil para as suas extravagâncias.

Uma tarde a Celeste, uma outra desgraçada de chale felpudo e saítos cambados, foi até ao quarto de Lili, na Mouraria, para seguirem juntas o giro habitual pela Praça da Figueira. Bateu à porta e ninguém lhe tornou resposta. Bateu mais e mais e Lili não respondeu. Alargou-se a Celeste, chamou a vizinhança, fez alarido e arrombou-se a porta.

Lili, rígida sobre o leito miserável, fitava na multidão que acorria os seus grandes olhos negros envidrados. *Fiel* gania atrozeiro; os seus latidos retiniam no quarto sombrio e lúgubre.

Dias depois, numa tarde amena de primavera, uma carreta simples que Armando pagara — inexplicável generosidade — levou a Morgue para o Alto de S. João o corpo fétido de Lili.

David de Sousa

A mãe do falecido maestro na miséria

Com o pedido de publicação, recebereis a seguinte carta:

Sr. redactor — Espero de v. que, por intermédio do seu jornal, me permita fazer constar a tristíssima situação em que se debate a mãe do falecido maestro David de Sousa, esse talentoso rapaz a quem a morte surpreendeu no princípio de uma gloriosa carreira. Encontrava-se a pobre senhora, já bem avançada em anos, na Figueira do Foz, encastilhando-lhe em aboletos os meios e vivendo da caridade de algumas pessoas amigas.

Que fim de vida tão doloroso para quem deu ao seu país um filho que o soube honrar! Porque David de Sousa, apesar da passagem elemeira por este mundo, viveu o suficiente para nos deixar o conhecimento profundo do seu valor legando ao mesmo tempo a sua terra um nome com que bem pode orgulhar-se. Deixou todas as demonstrações de respeito que se devem a quem se encontra a classe dos mestres, a mais significativa a meu ver, seria, não erguer-lhe um monumento, como se se projecta, mas sim enterrar, já bem avançada em anos, na Figueira do Foz, encastilhando-lhe em aboletos os meios e vivendo da caridade de algumas pessoas amigas.

Certo, portanto, cumprir um dever de consciência apontando ao bom coração de todos os portugueses que tem colado pelos que engrandecem o torrão natal, a mãe do falecido maestro David de Sousa e chamando também para o facto a atenção dos poderes do Estado, a fim de que, desassemelhada a situação de uma pessoa que se encontra em situação bem vergonhosa para todos, se prolongar.

Com a Associação de Classes dos Mestres Portugueses pôde-se dar a incondição necessária para o que foi julgado útil. De v. etc. — *Alvaro Rafael de Macedo*, Sr. David de Sousa, presidente da Associação dos Mestres Portugueses.

Com Alvaro Santos, também entendemos que ao monumento que se pensa erguer à memória do distinto maestro preferível seria a preocupação de pretender assegurar a sua prole. Será isso, não há dúvida, menos espectacular, mas muito mais útil.

O motor-continuo

No próximo domingo o sr. Esteves Barbosa fará, pelas 15 horas, na Câmara Municipal, uma outra conferência acerca do seu invento. Explicará as novas leis da sua descoberta, a designação das leis moleculares e atómicas, apresentará uma curiosa fotografia do sol, tirada em 1908, mostrará a profundidade do Vesúvio e a importância dos seus abalos.

Do sol admirável de Maio, as lantejoulas do pau negro do caixão, louzadas como pirilampo. Atrás do enterro nem um amigo, nem uma pessoa convida a acompanhar. Apenas o *Fiel*, sempre fiel, animado pelo calor reconfortante do dia, lá ia, pulando aqui, caminhando acolá, seguindo o corpo ao caminho do cemitério.

No Alto de S. João o sol alegrava a paisagem habitualmente tristonha; o ruído cantava nos ciprestes altos; havia arcos de luz e sombra sobre os covais. O corpo de Lili desceu a guelra escura e igualitária, quando a guelra cantava hinos inebriantes e os covéis assoviavam alegremente a *Rosa exalta o pinto*. *Fiel* assistia que do a faina dos dois homens, seguia com a vista as enxadadas vigorosas. Quando os vii afastar-se um pouco lançou-se impetuosamente sobre a terra fresca, ganindo lamentavelmente.

Um dos covéis, que recomera a comer a sua buxa de pão com cebola, parou de súbito, observando a scena triste, que já não o comovia.

— Oh João — disse ele para o outro que continuava assoviando estridentemente — que res que este gajo é capaz de se deixar morrer como aquele, o outro dia?

E arremessando-lhe uma pedra: — Cão, vai-te embora cão!

— Vais ou não vais? — tornou o empregado.

— Talvez tenha *laberca* — opôs o outro, interrompendo o assovio.

— Tomal — voltou o primeiro, estendendo para o cão um pedaço da merenda. — Tomal!

Fiel levantou o focinho, farejando, olhou a terra remexida, fitou novamente no covel o olho triste, dilatou a ventra, hesitou...

— Toma, tomal — teimou o covel. Decidiu-se o cão. Alvo irreverente e desdenhoso a perna sobre a campã e, agitando alegremente a cauda, seguiu o covel sem tornar um olhar atrás, na esperança de lauto jantar.

(Estudo para uma novela).

Mário DOMINGUES.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

GONCALO, 10.

Carestia da vida — Ainda o Congresso Mobiliário — Importantes resoluções tomadas pela Associação dos Cesteiros

Continua dum forma aguda o terrível flagelo a carestia da vida a fazer-se sentir nesta localidade, tudo demonstrando que a paratista a mesma exploração, acuciantes desgastados termos que registar, de cujas conseqüências são únicos responsáveis os senhores da do borge pelo sua ignobili atitude.

Entretanto, a despeito da anunciada baixa de preços, continua a baixar... o alimento das classes trabalhadoras, até que estas, fartas de tanto barateamento, reivindicando o seu direito.

Para esta situação contribui poderosamente a falta de organização que impozesse a extinção desta infamia. Apenas a classe dos cesteiros, que se encontra organizada, mantem latente acieito espirito de emulação, conservando-se as outras classes a espera da ma or necessidade.

Que a C. G. T., organize os trabalhadores rurais, ou constitua uma Associação Mixta, com as respectivas secções de especialidade, pois a falta de instrução dos rurais impossibilita-os de se organizarem p. n. não haver entre os mesmos quem se encontra habilitado aos serviços de escrutinário.

Ja este assunto é do conhecimento da central dos Sindicatos, restando apenas por em pratica o que urge fazer.

Alta no movimento o alvitre! — Afim de apreciar as resoluções do Congresso Mobiliário, reuniu há dias a classe dos cesteiros, sendo apreciado o relatório do mesmo Congresso.

Largamente debatido este assunto, resolveu a mesma assembleia dar a sua adesão a Federação Nacional, nomeando para o Conselho de Administração do Conselho federal os camaradas Manuel Rodrigues de Melo, N. N. e José de Oliveira Nova.

Também para se acudir da unificação do horário de 8 horas, reuniu novamente a mesma classe, que aprovou uma moção que tinha as seguintes conclusões:

1.º Incumbia a Federação Mobiliária de, por intermédio dos sindicatos aderentes, fiscalizar o cumprimento do horário, não permitindo que os cesteiros transgiram o mesmo.

2.º Quando qualquer operário que por virtude de respeito ao horário, peca o trabalho e não possua meios para se fazer transportar para outra localidade, ser-lhe-á pela Associação de Goncalo facultado, esses meios;

3.º Aos transgressores do horário dever-se-á ser dado o devido tratamento de brulder;

OLNÃO, 15.

Operários da Construção Civil

Realmente vergonhoso o abandono a que os operários da industria da construção civil, tem vindo o seu sindicato, não se lembrando que as algumas regalias hoje ausentes foram conquistadas com muito custo e do mesmo.

É lamentável e vergonhoso, isto a classe de construção civil, que apenas se defende de um modo muito limitado, e não possui meios para se fazer transportar para outra localidade, ser-lhe-á pela Associação de Goncalo facultado, esses meios;

3.º Aos transgressores do horário dever-se-á ser dado o devido tratamento de brulder;

OLNÃO, 15.

Operários da Construção Civil

Realmente vergonhoso o abandono a que os operários da industria da construção civil, tem vindo o seu sindicato, não se lembrando que as algumas regalias hoje ausentes foram conquistadas com muito custo e do mesmo.

Presos por questões sociais

Comunicação da Comissão Central pró-presos

Dois delegados desta comissão avisaram-se ontem com o sr. presidente do ministério, a quem foram reclamar contra a prisão dos nossos camaradas ferroviários e em especial contra a situação em que se encontra um dos mesmos, o camarada Leopoldo Calapez, pelo facto de estar encerrado num infame cabouco, um perfeito *in-paz*.

Aquella entidade, quanto a este caso, disse que iria dar ordens para que tal situação terminasse. Quanto às prisões e a incomunicabilidade disse não lhe estar o caso afecto, mas ao ministro da guerra, a quem a comissão se devia dirigir.

A comissão igualmente se occupou da prisão do camarada Henrique Silva, operário compositor, também preso na mesma ocasião e que já foi restituído a liberdade.

A comissão vai tratar, junto do ministro da guerra, da situação em que se encontram os camaradas ferroviários, alguns deles incomunicáveis há quasi um mês, ao contrario do que preceitua a legislação em vigor.

COLUNA ESPERANTISTA

Lisbona Verda Estelo

Reune hoje, pelas 20.30, a comissão executiva e em seguida a «Ekskursu Fak», para a qual se convidam todos os socios, esperantistas ou não, afim de se dar começo a trabalhos práticos.

— Continua aberta a matricula para todos os cursos.

MANUEL S. PINTO, LIMITADO

Para os devidos efeitos se publica que por escritura lavrada perante o ajudante do notário desta comarca Doutor Mário Rodrigues, Júlio Neves Ferreira, datada de vinte e oito de Janeiro de anno corrente de mil novecentos e vinte e um, a folhas desesse verso, do respectivo livro de notas do referido notário, foi constituída entre Manuel Severino Pinto, António da Conceição Vasques e Francisco Brito, uma sociedade de commercial por cotas de responsabilidade limitada, a qual há de ser regida pelos artigos seguintes:

Primeiro

A sociedade, adopta para todos os seus actos e contractos a firma Manuel S. Pinto, Limitada, tem a sua sede em Lisboa e o seu domicilio é na rua da Cruz da Carreira, número vinte e cinco.

Segundo

O seu objecto é o exercicio de commercio de compra e venda de lenhas, ou qualquer outro, com excepção de bancario que os socios de comum accordo deliberem explorar.

Parágrafo unico

E' expressamente prohibido a qualquer dos socios, quer individualmente, quer associado com outro, explorar negocio identico ao da sociedade.

Terceiro

A duração da sociedade é por tempo indeterminado e para todos os seus efeitos o seu começo conta-se a partir do dia de hoje.

Quarto

O capital social é de dõse mil escudos e corresponde á soma das cotas dos socios que são as seguintes:

Dez mil escudos do sócio Pinto; mil escudos do sócio Vasques e mil escudos do sócio Brito.

Quinto

Da cota do sócio Pinto estão realizadas quatro mil escudos, em dinheiro, com que já deu entrada na Caixa social, obrigando-se a entrar com os restantes seis mil escudos logo que as necessidades da Caixa social assim o exijam e as cotas dos socios Vasques e Brito estão integralmente realizadas e representadas em lenha por estes compradas, e as quais os socios de comum accordo, atribuem o valor de dois mil escudos, importância das suas cotas.

Sexto

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital. Os suprimentos serão ás pensões na conformidade do parágrafo 4.º do artigo 9.º.

Art. 13.º Todas as pensões a viúvas e órfãos consignadas neste capítulo, só entrarão em vigor quando a receita e os fundos da Bolsa de Trabalho e Caixa de Solidariedade assim o permitam.

CAPITULO VI

Dos subsídios de prisão

Art. 14.º Os metalúrgicos sindicados presos por motivo de questões sociais terão o subsídio de 3000 diários. A carceragem é igualmente abonada, enquanto durar o tempo de prisão.

Art. 15.º O pagamento de qualquer destes subsídios cessa quando o syndico for condenado a prisão maior.

Art. 16.º Os fundos da Bolsa de Trabalho e Caixa de Solidariedade são constituídos:

BOLSA DE TRABALHO

GRATIS para os que procuram ocupação, não excedendo a 3 linhas; cada linha a mais 5 ctvs. Para os que procuram empregados 5 ctvs. a linha.

OFERECE-SE

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

BOLSA DE TRABALHO

GRATIS para os que procuram ocupação, não excedendo a 3 linhas; cada linha a mais 5 ctvs. Para os que procuram empregados 5 ctvs. a linha.

OFERECE-SE

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher a dias, oferecendo-se para o serviço de cozinheira, para criada de escritório, cobrador, ou moço de casa comercial. Resposta a M. A. Rua do Carmo, 11, último andar.

Mulher

